

A CAPELA DA FAZENDA DA JAGUARA E O MESTRE ALEIJADINHO

OLINTO RODRIGUES DOS SANTOS FILHO*

A partir da citação de Rodrigo José Ferreira Bretas, nos seus "Traços biográficos relativos ao finado Antônio Francisco Lisboa, distinto escultor mineiro mais conhecido pelo apelido de Aleijadinho", publicado nos números 169 e 170 do *Correio Oficial de Minas*, de 19 e 23 de agosto de 1858, atribuiu-se ao Aleijadinho o conjunto da talha proveniente da Capela de N. Sa. da Conceição da fazenda da Jaguará. A citação curta diz: "O Aleijadinho exerceu sua arte (...) em Ermidas das Fazendas de Serra Negra, Tobocas e Jaguará do dito termo de Sabará..."¹

O conjunto compõe-se do retábulo do altar-mor, dos retábulos colaterais, retábulo de capela lateral, púlpitos, balaustrada-mesa de comunhão, balaustrada do coro, tarja do arco cruzeiro. Acresça-se a essas peças uma cabeça de anjo com fita falante com o nome do proprietário da capela, na coleção Mário e Beatriz Pimenta Camargo;² duas peanhas com talha, de coleção particular não identificada³ e uma pomba representando o Espírito Santo, na coleção Sandra Pena, de Belo Horizonte.⁴ O conjunto de talha, que se encontra atualmente na igreja matriz de N. Sa. do Pilar de Nova Lima, próximo a Belo Horizonte, foi tombado pelo IPHAN em 19 de junho de 1950, inscrito no livro de Belas Artes, volume I, à folha 74 sob o número 370, e no livro Histórico, folha 47, sob o número 277. As demais peças remanescentes não são tombadas.

Localizada no distrito de Mocambeiro, do atual município de Matozinhos, a fazenda da Jaguará pertenceu à antiga freguesia de Santo Antônio do Bom Retiro da Roça Grande, do Termo da Vila de Sabará. As primeiras notícias sobre esse imóvel foram publicadas por Zoroastro Viana Passos em seu livro *"Em Torno da História de Sabará"*, segundo volume,⁵ que se refere ao primeiro proprietário, o capitão João Ferreira dos Santos, antes de 1745. Nesse ano referido a fazenda passa ao Capitão Mor Francisco da Cunha Macedo, e depois ao Capitão Antônio de Abreu Guimarães, passando a ser administrada depois por seu sobrinho, Coronel Francisco de Abreu Guimarães, até 1807, ano de sua morte. Já na segunda metade do século XIX a fazenda veio a pertencer ao Dr. Paula Santos, e a Francisca dos Santos Dumont, tia de Alberto Santos Dumont, passando por venda ao diretor da Mina de Morro Velho, o inglês George Chalmers, segundo Márcio Jardim, em 1910.⁶

*Historiador e pesquisador do IPHAN

1. Antônio Francisco Lisboa. Publicação da Diretoria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, nº 15, MÊS, Rio de Janeiro, 1951, p. 32.

2. *Brasil Barroque, entre ciel et Terre*, 1999/2000 - Union Latine-Petit Palais, musée des beaux-arts de la Ville de Paris, p. 355, figura 196.

3. *Tradição e Ruptura - Síntese da Arte e Cultura Brasileiras*, 1984/1985 - Fundação Bienal de São Paulo, p. 90, ilustração 185.

4. *Brasil Barroque* já citado p. 167 e ilustração nº 5.

5. Livro publicado pela Imprensa Oficial de Minas Gerais em 1942.

6. JARDIM, 1995, p. 123;



Coroamento do retábulo do altar-mor
Figura de Deus Pai

Antônio de Abreu Guimarães, por problemas com o fisco, criou o "Vínculo da Jaguará", ou seja, vinculou suas sete fazendas, denominadas Vargem Comprida, Mocambo, Riacho d'Anta, Pau de Cheiro, Melo, Forquilha, Barra do Rio Melo à promessa de que todo seu alto rendimento seria destinado a obras pias, o que foi celebrado em decreto de D. Maria I em 4 de junho de 1787. Grande parte das rendas seriam destinadas à Santa Casa da Misericórdia de Sabará, outras partes à construção de uma ermida dedicada à Imaculada Conceição e a um educandário de moças. Sabe-se que a Santa Casa de Sabará só seria criada em 1812, após a morte de Francisco de Abreu Guimarães, sobrinho administrador do Vínculo da Jaguará, que não agiu honestamente conforme a disposição do tio, que voltou para Portugal e parece que se ordenou sacerdote.

O famoso Vínculo da Jaguará chegou a ter 1.200 alqueires de terras com cerca de 500 escravos nas lides, duas casas comerciais, além de uma na Vila de Sabará, que vendia os produtos das fazendas do Vínculo.

Desde a década de quarenta do século XVIII parece que já existia uma capela na Jaguará; dedicada à Imaculada Conceição de Maria. Por volta de 1745, Francisco da Cunha Macedo dirige uma petição às autoridades religiosas, dizendo que teve que se ausentar de sua casa e que neste "somenos lhe desaparecessem e levassem (...) vários papeis entre este suspeita desaparecessem também alguns de títulos da capela...", que, segundo ele, foi ereta "no tempo dos Senhores Bispos de quem obteve licença", referindo-se certamente aos bispos do Rio de Janeiro, nomeadamente D. Frei Antônio de Guadalupe, que concedeu inúmeras provisões para construção de igrejas e capelas no território mineiro. Apresentou o inventário dos bens da capela para regularizar a documentação da mesma. No mesmo documento ele diz que lá se celebravam os ofícios divinos e se ministravam os sacramentos pelos vigários e coadjutores da freguesia e por capelães.⁷

Deveria, portanto, ser uma capela grande, onde, além da missa, havia batizados, casamentos e sepultamentos.

Em resposta à petição citada, o bispo do Rio de Janeiro, D. Frei João da Cruz, em visita a Sabará, expede provisão datada de 7 de janeiro de 1745, autorizando o vigário que visite e benza a capela, estando ela em condições de uso, ou seja, tendo todos os ornamentos necessários ao culto divino. Ornamentos, na linguagem da época, eram os paramentos das quatro cores litúrgicas, os paramentos de altar (pala, corporal, sanguinho e manustérgio), além do cálice com patena e pedra d'ara.⁸

Pelo inventário citado, sabemos que a capela possuía, além da imagem da padroeira, duas outras imagens e um crucifixo, e evidentemente outros utensílios, como cálice, âmbulas, vasos dos santos óleos, ferro de fazer hóstias, galhetas, campainhas e bom

7. PASSOS, 1942, p. 369/370.

8. PASSOS, 1942, p. 371.

número de paramentos, toalhas de altar e panos para missa, um missal e um ritual de batismo. Pelo pequeno número de imagens, podemos imaginar ter a capela apenas um altar, com dois nichos laterais, onde repousariam as três imagens, além do crucifixo da banquet a.⁹

Mais adiante, no ano de 1755, o mesmo proprietário da fazenda, Francisco da Cunha, faz nova petição ao bispo, para na capela e seu adro poder continuar a enterrar os mortos, uma vez que é a única capela da região em cerca de duas léguas.

Outra petição do mesmo Cunha, sem data, mas próxima a 1765, solicita que sejam reformados os "títulos" da capela, de acordo com o "inventário que oferecia a vista" e se compromete a suprir com o seu patrimônio particular os "réditos" que faltarem à fábrica da referida capela, e para tal passa procuração ao Pe. Antônio José Gomes, para que este assine documento de compromisso neste sentido. Na documentação segue-se o termo em que o Pe. Antônio Gomes, em nome de Francisco da Cunha Macedo, se obriga a manter a capela da Jaguará como a sua fazenda, não podendo dispor do bem sem que o comprador cumprisse a mesma obrigação. Esse documento, datado de 24 de janeiro de 1765, foi passado diante do visitador do bispado em sua casa de morada, no sítio de Macaúbas.¹⁰

Logo a seguir, o proprietário da fazenda solicita às autoridades eclesásticas que lhe concedam "meia fábrica das sepulturas", ou seja, a metade dos rendimento das taxas de sepultamento na capela e cemitério, que eram de direito da matriz, para ajudar no provimento da capela, como seus consertos e reparos. É de se imaginar que havia muitos sepultamentos na capela e cemitério, para que o capitão Cunha quisesse reservar para si a metade das taxas relativas aos ofícios fúnebres.¹¹

Aí se calam os documentos relativos à capela do capitão Cunha, ou pelo falecimento deste, ou pela venda da propriedade.

Reaparece em 1783 um documento em nome do capitão Francisco de Abreu Guimarães, que ficou como administrador do Vínculo da Jaguará, após a ida de seu tio para o reino, em que pede provisão para benzer uma capela, que, segundo ele, tinha sido construída por "seu antecessor antigamente com o orago de N. Sa. da Conceição". Diz ainda o documento que ali se celebravam os ofícios divinos e se sepultavam os corpos dos falecidos, e que ele "suplicante fez edificar uma nova capela (...) em lugar mais decente com comodidade bastante não só para a sua escravatura e família, como, para o povo circunvizinho".¹² Está claro que Francisco de Abreu Guimarães se refere ao novo edifício mandado erigir pelo seu tio e verdadeiro dono da Jaguará, Antônio de Abreu Guimarães, onde se abrigariam as obras do Aleijadinho. Dá-se como data de construção dessa capela os anos de 1783 e 1786. Esta última data aparecia no alto da porta principal, como ainda



Coroamento do retábulo do altar-mor
Figura de Deus Filho

9. PASSOS, 1942, p. 370.

10. PASSOS, 1942, p. 372/373.

11. PASSOS, *idem*, *idem*.

12. PASSOS, 1942, p. 373/374.



Retábulo colateral da antiga capela da Jaguará, atualmente na Matriz de Nossa Senhora da Conceição, em Nova Lima

viu Zoroastro Viana Passos, em 1930.¹³

É provável que em 1783 o edifício estivesse concluído, faltando-lhe toda a decoração interior, mas, mesmo sem talha, já podia ser bento e funcionar, como era costume.

Logo em 1787, o mesmo Francisco de Abreu Guimarães, em nova petição, solicita que se passe provisão para demolir "uma capela antiga, totalmente arruinada", e trasladar o ossos dos defuntos para outro cemitério existente na mesma fazenda. Diz ainda que essa capela "fez o suplicante edificar", mas parece tratar-se da capela antiga, do tempo do capitão Francisco Macedo da Cunha, pois o Abreu Guimarães não tinha tempo de ter construído outra capela que já estivesse em ruínas.¹⁴

O ultimo documento publicado por Zoroastro Viana Passos trata da "reforma" do inventário dos bens da capela. Nesse documento, Francisco Abreu Guimarães deixa claro que ele era "bastante procurador e geral administrador do capam Antônio de Abreu Guimarães". Nessa época, a capela já estava sob jurisdição eclesiástica da freguesia de Santa Luzia, e não mais de Santo Antônio da Roça Grande.¹⁵

O inventário

Interessa-nos sobremaneira esse inventário, pois foi realizado logo após a conclusão das obras de talha da capela e, portanto, nele deveriam aparecer as imagens que se veneravam nos retábulos recém concluídos. Nesse inventário, consta primeiramente a imagem da padroeira N. Sa. da Conceição, que bem poderia ser a mesma da antiga capela de 1745. Assim é descrita: "Uma imagem da senhora da Conceição de Sete Palmos de comprido, com diadema de prata cravada de pedras, e uma parelha de brincos com seu laço de ouro cravado de pedras de diamante...". Logo no rol seguinte vêm as outras imagens, em numero de nove (9), excetuando-se os crucifixos. São elas: São Sebastião de pedra jaspe; N.Sr^a das Dores com resplendor de prata e brincos de topázio; Santo Antônio; Santa Rita; N. Sr^a da Piedade; São Jerônimo; São Miguel; São Pedro de Alcântara; Nosso Senhor dos Passos, pequena.¹⁶

Os crucifixos eram em número de seis. Certamente, quatro serviam às banquetas dos retábulos e dois não se encaixavam nos altares, podendo ser de algum oratório sobre o arcaz da sacristia, como era comum. Dois deles eram de marfim, três de madeira, sendo dois de "pau branco", que poderiam ser pintados imitando mármore ou marfim. Um deles era de "papelão", ou seja, papel machê, como vimos alguns em Minas Gerais.

É ponto pacífico entre os estudiosos que Antônio Francisco Lisboa tenha feito o conjunto dos retábulos do altar mor, os dois colaterais e o retábulo da sacristia, assim como a tarja do arco cruzeiro, e que poderia ter dirigido os trabalhos dos púlpitos, coro

13. PASSOS, 1942, p. 364.

14. PASSOS, 1942, p. 374.

15. PASSOS, 1942, idem.

16. PASSOS, 1942, pag. 374/375/376.

e cancelo da mesa de comunhão.

Depois da citação de Bretas em 1858, não localizamos outras citações sobre a Jaguara, que se referissem às obras do Aleijadinho. Só em 1907, 49 anos depois aparece na RAPM, nº XI, a "Sucinta Descrição da Fazenda da Jaguára no estado de Minas Gerais", não assinada, com interessante trecho que ora citamos: "Menção especial merece-a um belo templo - igreja de duas torres, construída de madeira de aroeira, pedra e cal em 1786 (...). Encerra a igreja, vários objetos próprios do culto cristão, atestando a fé dos antigos proprietários, e contém imagens representativas da figuras Divinas, dos Anjos e dos Santos, muitos de umas e outras de mármore ou alabastro, de madeira e marfim..."

"A par dessas preciosidades o templo mostra obras de talha algo preciosas, e por muitos atribuídas ao notável artista, que na legenda ou na historia da arte brasileira é designado pelo nome sugestivo de Aleijadinho...". Cita ainda as balaustradas da nave e do coro em cabiúna.¹⁷

O desmontagem e remontagem da talha

Tendo a Jaguara sido adquirida em 1910 por Mr. Geoge Chalmers, do Dr. Paula Santos, tio de Alberto Santos Dumont, e como o novo proprietário não era católico romano e não se interessava em manter a capela, resolveu desmontá-la. Mas, como deve ter percebido o valor da obra de talha e suas imagens, resolveu doar "a diversas matrizes" os altares, "as diversas peças" e "diversas imagens ali existentes", no dizer de Zoroastro Viana Passos.¹⁸

O coronel da guarda nacional Augusto Magalhães, homem ligado à igreja e à sociedade de São Vicente de Paulo, em Vila Nova de Lima (hoje Nova Lima), foi o responsável por intermediar a doação do Dr. Chalmers para a nova matriz de N.Srª do Pilar da referida vila, antiga Congonhas do Sabará.

Conta Zoroastro, que o conheceu, que desempenhou-se da tarefa com imenso zelo e cuidado, tendo desmontado pacientemente, com a ajuda de outros três homens, toda a talha, numerando as peças e encaixotando-as com extremo cuidado. Pronto o trabalho de encaixotamento, os volumes foram transportado por burros, por 24 km, até a estação de Pedro Leopoldo, e desta à estação Honório Bicalho, no trem, tendo pagado alta tarifa do seu próprio bolso. A desmontagem e transporte se deu em 1912, e a nova matriz de Nova Lima ainda não estava construída, não podendo receber os retábulos. O coronel Magalhães, presidente da comissão construtora da matriz, fez construir um barracão para guardar as peças de arte até sua remontagem, que só se deu em 1936, conforme inscrição no frontal do altar-mor, como hoje se vê na matriz. Conta ainda Zoroastro que, por volta de 1940, ele visitou a matriz com os retábulos



Imagem de Nossa Senhora das Dores, pertencente ao acervo do Museu de Arte Sacra de São Paulo, procedente da Coleção Heloisa e Haroldo Graça Couto.

17. Revista do Arquivo Público Mineiro, Ano XI (1907), Belo Horizonte, imprensa oficial de MG.

18. PASSOS, 1942, p. 367.



Retábulo do altar-mor
Capela de Nossa Senhora da Conceição,
hoje Matriz de Nova Lima

montados na companhia de Augusto Magalhães, Epaminôndas de Macedo (SPHAN) e do Dr. Rodrigo Melo Franco de Andrade, que analisou com cuidado todas as peças, concluindo pela autoria do Aleijadinho.¹⁹

Acredito que no período anterior à remontagem ou no próprio ato da montagem foi totalmente retirada a policromia e douramento de todo o conjunto, e a talha de cedro foi escurecida com extrato de noqueira, e aplicada uma grossa camada de verniz, que prejudicou sobremaneira a leitura estética dos retábulos. Quando procedemos ao inventário das peças, ainda encontramos pequenos resquícios de policromia (1987).²⁰

No fim da década de 40, o serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN) estudava o tombamento do conjunto de talha, e, em carta datada de 22/11/1949, do Dr. Silvio de Vasconcellos, dirigida ao governador de Minas Gerais, confirma que estava "a obra de grande valor artístico, infelizmente bastante prejudicada não só pela retirada de suas primitivas pinturas e posterior envernizamento, como pela má colocação de dois deles" (retábulos).²¹

Há no arquivo da regional do IPHAN de Minas um "croquis" com a posição dos altares colocados na nova igreja, em 1936, onde aparecem marcados "dois" altares novos, e em fotos da época pode-se ver parte de retábulos com colunas espiraladas, possivelmente remanescentes da antiga matriz. O retábulo do altar-mor da antiga igreja do Pilar, como nos foi mostrado em 1987, encontra-se na atual igreja do Senhor do Bonfim de Nova Lima. Na época, o então diretor regional do IPHAN, Silvio Vasconcellos, com parecer de Lúcio Costa, propôs a retirada dos retábulos que não eram da Jaguará e a relocação dos dois retábulos colaterais e cancelo da mesa de comunhão.²²

Retábulos com suas imagens

No dizer de Zoroastro Viana Passos, as imagens da capela da Jaguará foram distribuídas pela igrejas das redondezas. Até hoje não se localizaram as tais imagens procedentes da Jaguará, a não ser uma imagem de São Sebastião em mármore cujas fotos se encontram reproduzidas por Márcio Jardim²³ no seu livro, nas páginas finais. Diz ele pertencer a imagem à capela de São João Batista, do distrito de Dr. Lund, município de Pedro Leopoldo, medindo 90cm de altura. Conta o autor que essa imagem estava sendo levada para Nova Lima, junto com os retábulos, mas, quando chegou à estação de Dr. Lund, o coronel Augusto Magalhães deu-a para a capela local, a pedido de cidadão lá residente, o Sr. Antônio Elias, isto em 1912. Essa imagem certamente é aquela que aparece no inventário da Jaguará de 1787: "1 d^a de S. Sebastião de pedra de jaspe".²⁴

Os quatro retábulos acomodariam quatro imagens nos tronos

19. PASSOS, 1942, p. 368.

20. Inventário Nacional de Bens Móveis Integrados-IPHAN-Módulo I.

21. Arquivo da 13ª SR/IPHAN-MG, pasta da Igreja de Nossa Senhora do Pilar de Nova Lima.

22. Idem

23. JARDIM, 1995, p. 58, ilustrações 124/125/126.

24. PASSOS, p. 374.

centrais e mais oito, menores, nas peanhas laterais dos intercolúnios.

No trono do retábulo do altar-mor ficava certamente a imagem de N. Sa. da Conceição, de "sete palmos", citada no inventário, e poderia ser a mesma do inventário de 1745. Poderia se tratar da imagem que hoje se encontra em um dos altares colaterais da matriz de Nova Lima, embora esta meça 125cm, e não 140cm, que corresponderia a sete palmos. Mas esses enganos de medidas eram comuns na época. Trata-se de uma bela escultura da primeira metade do setecentos, originária de Portugal, ou feita por artista reinol em Minas Gerais. Nos nichos laterais, pela ordem do inventário, poderiam estar a imagem de S. Sebastião já citada de 90cm e uma imagem de N. Sa. das Dores, com brincos de topázios e diadema de prata.

A imagem de S. Antônio, do nome do construtor da capela, poderia estar num dos retábulos laterais, e a Santa Rita no outro. Esta Santa Rita poderia ser aquela já citada em 1745. Restam ainda da lista cinco imagens. Quatro delas pertenciam certamente às peanhas laterais dos altares colaterais. Seriam elas: N. Sa. da Piedade, S. Jerônimo, S. Miguel e S. Pedro de Alcântara.

Para o pequeno retábulo da sacristia, sobraria a imagem "do Senhor dos Passos pequena", mas o mais provável é que esse pequeno retábulo, que tem no coroamento um Pai Eterno, deveria ter no camarim um crucifixo, como era usual nas sacristias e capelas laterais. Faltam no inventário duas imagens pequenas para as peanhas desse retábulo. Em resumo, sabemos pelo inventário da existência de 11 imagens que se encaixavam nos retábulos, sobrando dois nichos pequenos, e que duas dessas imagens poderiam ter vindo da capela anterior (1745). Portanto, excetuando-se o São Sebastião já citado, poderiam ter sido esculpidas pelo Aleijadinho.

Imagens e suas invocações

Nossa Senhora das Dores, invocação da Virgem, popularizou-se depois das Contra-Reforma, principalmente na Península Ibérica, onde a Virgem aparece de pé ou sentada sobre a rocha do calvário, vestida de túnica e manto cobrindo a cabeça, às vezes coifa, nas cores geralmente roxo e azul, tendo na cabeça um diadema de sete estrelas simbolizando as sete dores. Sobre o peito uma ou sete espadas cravadas (sete dores) ou mesmo o coração aparente (às vezes em prata), mãos espalmadas, gesticulando ou entrelaçadas, podendo trazer um lenço e lágrimas no olhos.

Conhecem-se três imagens de N. Sa. das Dores atribuídas ao Aleijadinho. A primeira e melhor peça é a hoje pertencente ao Museu de Arte Sacra de São Paulo, tombada pelo IPHAN, que veio da coleção de Haroldo e Heloísa Graça Couto, atribuída ao mestre pelo Dr. Rodrigo M. F. de Andrade, em carta aos

proprietários.²⁵ Esta não tem o diadema original, mas resplendor de meados do século XIX, e parece não ter usado brincos, como a da Jaguará. A segunda seria a Nossa Senhora sentada, vestida de túnica e manto, com a mão direita espalmada e com a esquerda segurando o coração, sem espada. Não parece ter orifício nas orelhas para brincos. Esta peça pertenceu ao antiquário José Ribeiro Filho (1978), conforme aparece no catálogo da exposição no MAM (Rio de Janeiro).²⁶ Em 1995, aparece pertencendo a Anésia Leite Ribeiro (JARDIM, p.141). Consta que tenha sido atribuída ao mestre por Edson Motta, em 1975. Hoje, a peça, após leilão amplamente notificado, passou ao patrimônio do Banco Itaú. É peça um tanto pesada, sem a delicadeza da Sant'Ana de Sabará, por exemplo. A sua policromia, de má qualidade, apresenta a Virgem de túnica verde com flores toscas, manto azul e peanha em marmorizado rosa e vermelho muito primitivo. Mede 68cm. A terceira imagem das Dores é uma imagem de vestir, reproduzida no catálogo citado, de 80cm de altura, pertencente à coleção Aparício Ribeiro Filho, de 82cm de altura, sem a vestimenta e peruca, sentada em base reta, calçada de sapatos, tendo no peito uma espada, mas parece que tinha sete furos para todas as espadas. Provém da região do Vale do Paraopeba. Esta peça foi atribuída ao Aleijadinho por Jair Afonso Inácio em 1969.²⁷

Santo Antônio, santo muito popular no Brasil e em Portugal, é muito representado vestido de franciscano, tendo nas mãos um livro com o menino Jesus sobre ele, e cruz com um lírio. No Brasil sua representação pouco varia. Não há nenhuma imagem de Santo Antônio atribuída ao Aleijadinho por especialistas.

Há uma bela imagem que sempre pertenceu ao acervo da Ordem 3ª de S. Francisco de São João del Rei. Certamente pode-se atribuir ao mestre.

Santa Rita, essa imagem da santa agostiniana, que se veste de hábito preto e tem nas mãos um crucifixo e uma palma com três coroas, não há que se procurar nas coleções, pois esta já existia em 1745.

Nossa Senhora da Piedade, representação da Virgem sentada sobre o calvário, aflita e chorosa, tendo nos braços o corpo inerte de seu Divino Filho. Está sempre vestida de túnica e manto cobrindo a cabeça, em tons azuis e roxos. Desta invocação, são atribuídas ao Aleijadinho a do Santuário da Serra da Piedade e a do santuário homônimo da cidade de Felixlândia. Além destas, se atribui ao mestre uma pequena imagem de 17cm ou 20cm, da coleção Aparício Ribeiro Filho, identificada por Jair Inácio, em 1971 (catálogo MAM-RJ- 1978), que teria sido adquirida em Diamantina, em 1970.²⁸

São Jerônimo, santo doutor da igreja, sempre representado em Minas como eremita penitente, seminu com apenas um manto envolvendo parte do corpo, se autoflagelando com uma pedra no

25. Arquivo Central do IPHAN "Noronha Santos", Rio de Janeiro-Processo de tombamento da imagem de Nossa Senhora das Dores, atribuída ao Aleijadinho, de propriedade de Haroldo e Heloísa Graça Couto.

26. Aleijadinho - de 26 de abril a 26 de maio de 1978, Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro/EMBRATUR, p. s/nº.

27. JARDIM, p. 142, ilustração 48.

28. JARDIM, p. 141/142, ilustração 47.

peito e às vezes trazendo um crucifixo nas mãos. Não há, até o momento, nenhuma imagem desse santo atribuída ao Aleijadinho.

São Miguel Arcanjo é representado vestido à romana, com asas, lança, balança, estandarte ou espada de fogo. Às vezes pisa um demônio. Santo muito cultuado em Minas, quase todas as igrejas tinham uma imagem desse santo, protetor das almas do purgatório. Não há imagem desse arcanjo atribuída a Antônio Francisco Lisboa pelos especialistas, além, é claro, da estátua de pedra sabão, da portada da Igreja do Bom Jesus das Cabeças, em Ouro Preto.

São Pedro de Alcântara, santo franciscano que aparece vestido em habito próprio da ordem, abraçando uma cruz ou de mãos entrelaçadas, como o da ordem 3ª de S. Francisco de São João del Rei. Não há nenhuma imagem desse santo atribuída ao mestre.

Nosso Senhor dos Passos, representação muito querida nas Minas Gerais, herdada da religião da Contra-Reforma, na Península Ibérica, em que Cristo aparece carregando a cruz para o calvário, alquebrado, de joelhos por terra, coroado de espinhos e todo chagado. O Aleijadinho o representou magistralmente, no conjunto dos Passos de Congonhas. Há no museu Arquidiocesano de Mariana uma imagem do Senhor dos Passos, de 71cm de altura, de vestir, com as vestes apenas desbastadas, braços articulados, atribuída ao mestre Antônio Francisco por Orlandino Seitas Fernandes (MAM-RJ, 1978), que, segundo consta, pertenceu a uma capela de Mariana, situada no lugar denominado Sant'Ana do Morro.²⁹ Se a informação procede, essa peça não poderia ser proveniente da Jaguarara.

Terminado o elenco de invocações das imagens existentes em 1787, na capela da Jaguarara, resta-nos lembrar que poderia haver mais duas pequeninas imagens, que não foram inventariadas, que ocupariam as peanhas do retábulo da sacristia, e outras poderiam ter sido acrescentadas ao acervo ao longo do século XIX, mas posteriores ao período em que o Aleijadinho teria trabalhado na capela.

Ainda há que se citar os seis crucifixos. Dois deles eram de marfim, material usado na imaginaria luso-oriental, e, portanto, não produzidos no Brasil. Um outro era de "papelão", técnica estranha ao mestre, e dois, ainda, eram de "pau branco", ou seja, imitando mármore ou marfim, e dificilmente poderiam ser da lavra do Aleijadinho. O último seria de "pau mais pequena". Não conhecemos crucifixos com laudos de especialistas atribuídos ao Aleijadinho, além das peças de Catas Altas e do Museu Aleijadinho, em Ouro Preto.

Concluimos, portanto, que todas as outras imagens que aparecem em coleções e no mercado de arte com outras invocações que não estas, com toda a certeza, não provêm da Jaguarara.

29. No livro de registro do acervo do Museu Arquidiocesano de Arte Sacra e na ficha de inventário a peça aparece como recolhida na capela de Sant'Ana do Morro, na cidade de Mariana.

O Divino da Jaguará

Recentemente, apareceu na exposição "Entre o Céu e a Terra", sobre o Barroco brasileiro, no Petit Palais, em Paris, uma imagem do Divino Espírito Santo em forma de pomba, pertencente à coleção de Sandra Pena, de excelente qualidade. A curadoria da exposição atribui a peça ao Aleijadinho e diz ter pertencido ao retábulo do altar-mor da capela Jaguará.³⁰ Observando com mais atenção a pomba do Divino que completa a Trindade do coroamento do retábulo-mor da atual matriz de Nova Lima, veremos que ela parece um pouco estranha ao conjunto. Primeiro por ser pequena, desproporcional ao círculo de nuvens que a emoldura e as figuras do Pai e do Filho; segundo, a pomba aparece com as costas voltadas para o espectador, com a cabeça voltada para baixo e a cauda para cima, o que é absolutamente incomum. Em todos os retábulos onde aparece o Divino em forma de pomba no coroamento, ela aparece com a cabeça para cima, o peito para a frente, as asas abertas e as patas recolhidas. Assim aparece no retábulo de São Francisco de Assis de Ouro Preto, do Aleijadinho, no retábulo colateral da matriz de Caeté, assim como nos retábulos principais da matriz do Pilar de Ouro Preto, de São João del Rei e no da Ordem 3ª de São Francisco de São João del Rei.

Pensamos, portanto, que realmente esse Divino pode ter sido retirado do retábulo da Jaguará no período em que este ficou desmontado e guardado, à espera da construção da nova matriz (1912 a 1936), antes da retirada da policromia desses retábulos. Isto explicaria por que o Divino em questão é policromado.

Se compararmos essa peça com o Divino do coroamento do retábulo do altar-mor de São Francisco de Ouro Preto, poderemos perceber semelhança no tratamento da plumagem do pássaro, com certo movimento, inexistente em outras peças semelhantes.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALEIJADINHO. Rio de Janeiro: 1978. Catálogo de exposição, 26 de abril-26 de maio de 1978, Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro/Embratur (Classificação e etiquetagem das peças de Orlandino Seitas Fernandes).

BRÉSIL BARROQUE, ENTRE CIEL ET TERRE. Paris: 1999/2000. Catálogo de exposição. Union Latine-Petit Palais, Musée des Beaux Arts de la Ville de Paris.

JARDIM, Márcio. *O Aleijadinho, uma síntese histórica*. Belo Horizonte: Stellarum, 1995.

30. Brésil Barroque, Union Latine, p.167, figura 5.

PASSOS, Zoroastro Viana. *Em torno da história de Sabará*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial MG, 1942, v. II.

"Suscinta descrição da Fazenda da Jaguará no Estado de Minas Gerais". REVISTA DO ARQUIVO PUBLICO MINEIRO, ano XI, 1907, Belo Horizonte, Imprensa Oficial, p. 585/597.

TRADIÇÃO E RUPTURA-SÍNTESE DE ARTE E CULTURA BRASILEIRAS. São Paulo: 1984. Catálogo de exposição, nov.1984-jan.1985, Fundação Bienal de São Paulo.